

# A PROVÍNCIA

Semanário

Informação • Cultura • Recreio

Proprietário, Administrador e Editor  
V. S. MOTTA PINTORedacção e Administração — Av. D. Nuno Alvares Pereira, 18 — Telef. 030 467  
MONTIJO

Composição e Impressão — «GRÁFICA MONTIJEENSE», LDA. — Telef. 030 049 — MONTIJO

DIRECTOR  
MOTTA PINTO

## A Flor Pisada

## «EIS O HOMEM!...»

Jesus, no caminho do calvário, esgotado, injuriado, chagado, martirizado, nem reparava nas flores que pisava. Os pés doridos, tropeçando nas pedras do carreiro escavado, poisavam ao acaso, às cegas, o que lhe tornava o passo mais difícil, o equilíbrio menos comandado. Jesus caminhava curvo, ajoujado ao peso da cruz, a túnica pendulando à frente dos joelhos, a tapar a vista do chão. Quando a fadiga lhe tetanizava os músculos magros, era inevitável: os joelhos vergavam e vinham especar-se no leito pedregoso do côrego, contudindo a pele, afectando ás rótulas. Voltava a erguer-se enquanto Cireneu ou os legionários lhe suspendiam a cruz e lá seguia, mais resignado que refeito, mais sobre-excitado que decidido. E o olhar, por vezes, procurava no céu nublado a única fonte donde lhe podia vir coragem: a invocação do Pai.

Verdegava, em toda a Judeia. A Primavera anunciava-se com tapeçarias felpudas de relva ou revigoramentos de mato lenhoso, repontando em flores da mais rara variedade, flores do chão em que ninguém repara. As fruteiras abotoavam em laços de cetim, brancos, rosados, lilases. Em cada canto, uma flor. Em cada pedra, um musgo novo. Em cada tronco endurecido, um rebento fresco.

Acontece que mais adiante, onde Jesus havia de passar, uma pequenina flor campestre se debruçava na orla do carreiro. Mínima, campanulada, de cor azul e nervuras pretas, folhitas ágeis, pelo

Ao Dr. Álvaro de Matos com a veemência dum transmontano simples, à complacência dum beirão jovial, em voto de feliz Páscoa.

caule acima, como damas de honor rodeando a sua rainha, aquela *primaverina* — chamemos-lhe assim — era uma estrela no firmamento verde da terra, um brilhante na capa de Abril, um dentinho de leite no sorriso do chão.

Conforme se aproximava a turba, ululante e insensível, uma carochazinha que viera ao cálix da *primaverina* libar os néctares que lá se criam, assustou-se, subiu à barra da campânula e observou. Eram chufas e surriadas e pontapés e chicotadas num infeliz condenado, uma arruaça infame e infamante, a escandalizar a paz do caminho, do outeiro, daquela florinha mínima e do seu hóspede momentâneo, a carochazinha lépida, que estremeceu com a assuada e resolveu fugir, caule abaixo, até se esconder sob uma laje.

A florinha, não. Era impossível desviar-se, esconder-se, furtar-se ao esmagamento da plebe ensandecida. Restava-lhe desejar-se uma morte menos dolorosa, um fim mais heróico, unir o seu destino ao do pobre mártir, por exemplo. E Jesus, um passo antes da

*primaverina*, parece que lhe percebeu a prece e decidiu-se a satisfazê-la: elevando a perna direita e lançando-a com energia calculada, pisou a flor, que se arrancou do chão batido e se lhe colou à planta do pé, abrigando, com as pétalazinhas maceradas, um dos minúsculos golpes que lhe abriam a pele fina.

E não mais o desacompanhou, Sempre colada à epiderme, foi percorrendo o resto do trajecto, repousou enquanto o corpo de Jesus era cravado no madeiro, subiu um metro acima do terreno, aí ficou até ao último suspiro de

(Conclui na página 2)

Dr. Cabral Adão

## Setúbal, berço de Bocage...

1860 - 1960

Cem anos? Sim. Mas, que são cem anos na vida duma atraente e progressiva cidade como Setúbal? Quase nada. Cem anos são uma gota de água no Oceano, o princípio duma longa existência. Perguntarão: — Setúbal existe apenas desde 1860? — Não. O burgo surgiu há muitos anos ao nosso primeiro rei, sedutoramente adormecido sobre a margem direita do Sado. Em 1149 foi-lhe concedido foral, mais tarde confirmado por D. Sancho I, D. Afonso III, D. Dinis, e, reformado por D. Manuel em 1514. A predilecção real por Setúbal é notória. Os anos passaram, o progresso cresceu e D. Pedro V elevou-a a cidade em 1860. Por isso, neste ano da graça de 1960 Setúbal está em festa ao comemorar o seu centenário. Mas, não é apenas a linda cidade que está em festa, é Portugal, somos todos nós. Também eu, natural do distrito de Setúbal quis associar-me com este ligeiro estudo, às comemorações. Quero prestar assim a minha homenagem a Setúbal.

Como és bela debruçada sobre o Sado... Rainha Te chamam e com razão. Vassalo é o rio poisado a teus pés,

Foram estas as palavras de Pilatos quando viu Jesus no estado triste, e, pensando que o povo se arrependeria ou comoveria ante martírio tão atroz, ia repetindo:

— «Eis o Homem!...».

O povo, cego e louco, replicava:

— «Que morra!».

Pilatos insistia:

— «Eis o Homem!...».

Os judeus eram implacáveis e o centurião, lavando as mãos diante dessa turba e ante Jesus, proclamava-se inocente da sentença de morte que acabava de assinar.

Como os homens pecam conscientes e loucamente se julgam ilibados do castigo reclamado pela justiça divina!

Jesus encaminhou-se para o Calvário, levando a pesada cruz, que os homens lhe impuseram; mas no coração le-

vava a dor cruciante da ingratidão humana. Caiu três vezes sob o peso dela e, ao encontrar a Virgem Mãe, cuja aflição o atormentou, o Homem-Deus sentiu a amargura da alma chegar ao rubro e caminhou sob o peso doutra cruz ainda mais pesada — a de não poder aliviar Sua Mãe da dor que a pungia!...

Tudo isto nos lembra a Semana Santa, que se renova dia a dia pela impiedade dos homens, pela incúria das gentes.

Ê nestes dias tão santos que a nossa alma deve meditar e rever quão íngreme e espinhoso foi o caminho do Calvário por onde teve que caminhar o Divino Mestre, e quanto pesado era o lenho que se firmava sobre os om-

(Conclui na página 5)

Ler na página 3:

Notícias sobre as  
Festas Populares  
de São Pedro

## ECOS DUMA MANIFESTAÇÃO



Um aspecto da almoço no Café Portugal, da homenagem prestada ao Sr. José da Silva Leite, em 27 de Março último.

Estudo por "HELENA DE MONTIJO"

rendido aos teus peregrinos encantos de formosa soberana. Setúbal... quando te lembro, recordo por associação de ideias os teus ilustres filhos: Luísa Todi, Vasco de Azevedo, Serrão, João Vaz; Bocage o grande lírico cujo nome jamais se apagará do teu coração, ó bela cidade.

É de Bocage, desse génio poético, que pretendo ocupar-me neste breve estudo, a

traços largos, a pinceladas suaves, tão pré-românticas como o próprio «Elmano Sardino». O espaço é limitado e o dizer sem fim. Sejam concisos e sintéticos.

Para bem compreender Bocage será preciso analisar de perto as diversas fases da sua vida atribulada. Bocage foi um autêntico, um verda-

(Conclui na página 2)

## SETÚBAL

Setúbal a cidade ribeirinha  
Poisada junto ao rio enamorado,  
Deixa preso o turista descuidado,  
Perante seus encantos de rainha.

Quem contemplou Setúbal, à tardinha,  
Jurando eterno amor ao velho Sado,  
Dela ficou p'ra sempre apaixonado,  
Preso à graça serena qu'ela tinha.

Cercada de formosos laranjais  
Origem dos teus doces divinais,  
Pareces um «brinquinho», ó Setúbal;

Teu vinho moscatel adoça a boca,  
E faz que a urbe diga, meio louca:  
— És um painel do nosso Portugal!

Diana Portugal



# Setúbal, berço de Bocage...

(Conclusão da primeira página)

deiro poeta; foi um óptimo repentista; um boémio de grandes recursos satíricos; um homem exaltado, apaixonado; foi um resignado, um árcaico e um anti-árcaico.

Como poeta, Bocage só encontra comparação em Camões. Foi um pré-romântico na apresentação dos temas, um lírico que prende e emociona. Os seus maravilhosos sonetos têm personalidade quando debatem o amor, a saudade, o ódio, o arrependimento; têm musicalidade na cadência dos versos, visionismo nas imagens. Deles disse Muller: «...Poesias ternas que penetram o coração...».

Bocage cultivou todas as formas métricas como quem lapida um diamante: a ode, a canção, a epístola, a endecha, o madrigal, o soneto. A sua obra está compilada nas «Rimas» e nas «Obras Completas».

As «Rimas» contêm 375 sonetos modelares. Bocage, não foi um mestre, não formou escola, mas o seu nome guindou-se aos mais altos píncaros da poesia nacional. Pena é, que, não seja tão conhecido como excelente poeta, como o é como criador e protagonista de tantas historietas de feição anedótica, que o povo vai contando

## A FLOR PISADA

(Conclusão da primeira página)

Deus—Homem, e com Ele ascendeu ao páramo da Glória.

Essa florinha da Primavera judaica é a que eu trago agora na lapela, rediviva, ressuscitada, depurada, abençoando-me os olhos, quando lhos poiso na tessitura delicada da corola em campânula.

Essa florinha é a mesma que o ourives copiou em cores de esmalte e platina para embelezar os brincos que usas nas orelhas, vigiando os matizes de som que te entram nos ouvidos, enriquecendo de maviosidade os segredos que ele te murmura em momentos de enleio inibidor e voluptuoso...

Essa florinha é a mesma que pintaram nos frontais dos altares, em bordado de seda e lhama de oiro, a decorar, com simetrias finas, os símbolos sagrados da Igreja.

Essa florinha é o miosótis que os jardins afidalgaram, a bonina que os vales reivindicaram, a redondilha que os poetas produzem para tornar a vida mais bela e mais alegre.

Jesus volta a morrer em cada ano que passa. Mas já não há flores à beira do caminho a suplicar-Lhe a graça de serem pisadas. Elas sabem que Jesus só morre da nossa alma de pecadores inconscientes. A *primaverina* da Judeia é o modelo da vida redimida, ressuscitada para sempre, isenta de vício, de incompreensão, de desamor.

Dr. Cabral Adão

de geração em geração. Recordo-me por exemplo desta: «Uma noite, uns amigos resolveram pregar um susto a Bocage. A saída dum rua, alta noite, de pistola engatilhada perguntaram: — Quem é? Donde vem? Para onde vai?—Resposta pronta:—Sou Manuel Maria Barbosa du Bocage. Venho do Café Nicola, e, vou para o outro mundo, se os senhores dispararam a pistola». Mais uma prova do seu génio?—Incontestavelmente.

Na sua obra prepassa o seu EU franzino, olheirento, escanzelado, de grandes olhos azuis fosforescentes, a sua testa alta coroada de cabelos em constante desalinho. Ele mesmo nos conta como era:

*Magro, de olhos azuis, carão moreno  
Bem servido de pés, meião na altura  
Triste de facha, o mesmo de figura  
Nariz alto no meio e não pequeno;*

*Incapaz de assistir num só terreno,  
Mais propenso ao furor do que à ternura,  
Bebendo em néveas mãos por taça escura  
De zelos infernais letal veneno;*

*Devoto incensador de mil deidades  
(digo de moças mil) num só momento,  
É sómente no altar amando os frades:*

*Eis Bocage, em quem luz algum talento.  
Saíram dele mesmo estas verdades  
Num dia em que se achou mais pachorrento.*

Diz-se que o seu amor contrariado, por uma menina, contribuiu fortemente para o grito interior da sua poesia, para a sinceridade do seu estro. Bocage foi bem um irmão de Camões tanto no talento como no infortúnio. Ele próprio o confessa embora muito românticamente segue o paralelo—TALENTO.

*Camões, grande Camões, quão semelhante  
Acho teu fado ao meu, quando os coteja!  
Igual causa nos fez, perdendo o Tejo  
Arrostar c'o sacrílego gigante.*

*Como tu, junto aos Ganges sussurrante,  
Da penúria cruel no horror me vejo;  
Como tu, gostos vãos, que em vão desejo,  
Também carpindo estou, saudoso amante.*

*Ludíbrio, como tu, da sorte dura.  
Meu fim devendo ao Céu, pela certeza  
De que só terei paz na sepultura.*

*Modelo nem tu és... mas... oh, tristeza!  
Se te imito nos transe da ventura,  
Não te imito nos dons da Natureza.*

Nascido em Setúbal em 1765, filho de magistrado e neto de almirante em breve sentia a atracção do desconhecido do mar. Depois de ter servido num regimento da sua terra, partia Manuel Maria Barbosa du Bocage com 17 anos para Lisboa onde se matriculou na Academia Real da Marinha. Aos 21 anos embarcava como guarda-marinha para Goa. Já tenente de Infantaria transferiu-se para Damão, onde veio a desertar, refugiando-se em Macau até conseguir regressar à Metrópole em 1790. Uma vez chegado a Lisboa entregou-se às vicissitudes da boémia. É então que o repentista e o satírico se afirma entre gente duvidosa e chocarreira, que pululava por botequins e tabernas. E o pândego, o rueiro alegre e comunicativo ganha fama, torna-se célebre nos becos mal afamados de Lisboa. Mas até nisso ele foi grande. Nas suas piadas há espírito, faúlha,

há finura de observação. Foi essa vida de estúrdia mãe da «Pavorosa Ilusão da Eternidade», poemeto arrojado que lhe valeu três meses de Limoeiro.

Quando saiu em liberdade recolheu-se à congregação de S. Filipe Neri onde em saudável penitência, em proveitosa meditação encontrou o caminho da resignação, do arrependimento como nos mostra o seu belo soneto «Arrependimento». A ele pertencem os versos que se seguem

*Meu ser evaporei na lida insana...*

*Ah! cego, eu cria; ah! mísero, eu sonhava*

*Prazeres, sócios meus e meus tiranos,  
Esta alma, que, sedenta, em si não coube,  
No abismo vos sumiu das desenganos.*

*Deus, ó Deus!... Quando a morte à luz  
(me roube:  
Ganhe um momento o que perderam anos.  
Saiba morrer o que viver não soube!*

É esta a época de maior proveito para o poeta. No recolhimento de S. Filipe Neri, enveredou pela senda do trabalho: fez muitas traduções com que provia ao sustento dum irmã pobre.

A época era uma época de procura íntima. Os poetas debatiam-se entre as várias correntes, entre as inúmeras escolas. Bocage não fugiu à regra e foi árcaico. Seguiu as directrizes da Arcádia Lusitânia, fundando mais tarde com José Agostinho de Macedo, arcádicamente chamado «Belmiro Tagideu», a Nova Arcádia, que não sobreviveu ao desentendimento dos dois árcades. Mas, o estro de Bocage não podia constranger-se nem sujeitar-se aos rígidos moldes de Arcádia, e assim, depois de ter anteposto ao Filintismo de Filinto Elísio de formas duras, a suave graciosidade e harmonia do Elmanismo, ele transforma-se num anti-árcaico, atacando fortemente o próprio Agostinho de Macedo.

Bocage manteve durante a sua rápida passagem pela vida—faleceu com 40 anos apenas, em 1805—um entendimento perfeito com as Musas. O seu estilo era correcto, o vocabulário variado, as ideias magistralmente retratadas num misto de graciosidade e policromia.

Até no arrependimento sentido, do tempo malbaratado em loucas e enganosas vicissitudes, Bocage conseguiu ser grande, ser acima de tudo, Poeta.

Nas linhas do formoso soneto que a seguir transcrevo, há sentimento, há ternura, há sensatez. Foi escrito à hora da morte, talvez quando, encontrado o sossego da alma, mais estimaria viver:

*Já Bocage não sou!... À cova escura  
Meu estro vai parar desfeito em vento...  
Eu aos céus ultrajei! O meu tormento  
Leve me torne sempre a terra dura.*

*Couheço agora já quão vã figura  
Em prosa o verso fez meu louco intento,  
Musa... Tivera algum merecimento  
Se um raio de razão seguisse pura!*

*Eu me arrependo; a língua quase fria  
Brade em alto pregão à mocidade  
Que atrás do som fantástico corria:  
Outro Aretino fui... A Santidade*

## Relatório da Câmara de Montijo referente ao ano de 1959

(Continuação do número anterior)

Largas considerações poderiam fazer-se com referência à evolução das receitas nos últimos anos e à indicação dos motivos que a justificam. Não cabem, porém, neste documento, necessariamente restrito às actividades de um ano, mais do que breves referências que, no entanto, poderão permitir uma elucidação suficientemente esclarecedora, como desejamos.

Assim, temos:

**IMPOSTOS DIRECTOS** — Nota-se subida nos adicionais às contribuições e impostos do Estado, cobrança esta, que não tem qualquer interferência dos serviços municipais.

A notável diferença na percentagem sobre o valor dos seguros é proveniente de um subsídio extraordinário recebido do Conselho Nacional do Serviço de Incêndios e destinado integralmente à Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Montijo.

O imposto sobre bilhares, casas de recreio e espectáculos acusa menos receita, influenciada pela realização de espectáculos taurinos.

As licenças de estabelecimento comercial ou industrial mostram um pequeno abaixamento, que não tem qualquer significado.

O mesmo sucede com as taxas de vendedores ambulantes de géneros alimentícios.

Por sua vez, a cobrança de juros de mora com o seu substancial acréscimo, não tem outra razão senão a liquidação de processos executivos de mais elevada importância.

**IMPOSTOS INDIRECTOS** — Pouco poderá dizer-se sobre este imposto, pois recai sobre o peixe do rio, venlido na lota, e a sua cobrança é função da quantidade vendida.

**TAXAS — Rendimentos de diversos serviços** — Notam-se pequenas diferenças

que não merecem referência especial, pois nada significam sob qualquer aspecto.

Outras, porém, pelo volume da diferença, merecem comentário que passamos a fazer como segue:

**Cemitério Municipal** — A diferença provém totalmente do maior número de faixas de terreno vendido para sepulturas perpétuas.

**Matadouro Municipal** — A diferença notada justifica-se pelo decréscimo de man-tança de suínos.

**Obras** — A baixa desta cobrança não pode filiar-se no menor número de licenças, que foi apenas de onze, no ano findo, mas sim porque em 1958 foram construídos blocos residenciais de mais elevado custo de licença.

**Mercados e feiras** — A menor importância cobrada deve-se ao facto de se encontrarem vagas algumas bancas da nave central do Mercado.

**Outras taxas** — Está incluída nesta receita a taxa de inspecção sanitária de reses abatidas fora dos matadouros, cujo rendimento foi inferior ao do ano anterior em virtude da sua redução para 5\$00.

**Outros rendimentos** — Sob esta designação cobram-se pequenas taxas de multas, emolumentos, percentagens, etc., cujo aumento reflecte o maior movimento dos serviços burocráticos.

**RENDIMENTO DE BENS PRÓPRIOS, DOS SERVIÇOS MUNICIPAIS E MUNICIPALIZADOS** — As cobranças foram normais, com excepção do lucro dos Serviços Municipalizados, que apresenta um pequeno aumento.

**REEMBOLSOS E REPOSIÇÕES** — Notam-se pequenas diferenças sem causa especial. As diferenças maiores referem-se ao aumento de despesas efectuadas com o encargo da ma-

(Continua no próximo número)

*Manchei!... Oh! Se me creste, gente ímpia,  
Rasga meus versos, crê na eternidade!*

E para fechar com a chave d'ouro, transcrevo parte de «Noite», do nosso «Elmano Sadino», na certeza de que estes últimos versos ficarão cantando ao ouvido de quem os ler, tal a musicalidade, o colorido das estrofes.

*A Deusa, que esmalta  
De estrelas o Céu,  
Já tinha dobrado  
Metade do véu*

*Então, solitário,  
Seu mal, seus segredos  
O lânguido Elmano  
Contava aos penedos*

*Destinos! (clamava)  
Que assim retardais  
O termo infalível,  
Que imploram meus ais!*

*Feliza deixou-me,  
Fugiu-me a perjura,  
Depois de votar-me  
Perene ternura:*

*Fugiu-me, deixou-me  
Curtindo a ansiedade,  
Que geram, que nutrem  
Ciúme e saudade:*

*Entre estes dois males  
Meu peito se sente  
Qual entre dois lobos  
Cordeiro inocente...*

Bem hajas tu saudoso Bocage, ditoso filho de tão bela cidade ribeirinha, pelos pedaços de ti mesmo, da tua vida, que como diria Camões «Em pedaços repartida» deixaste à posterioridade.

Cada verso teu, grande Bocage, é um astro cintilante no firmamento constelado da nossa poesia.

Helena de Montijo



## AGENDA ELEGANTE

### Aniversários

#### Fez anos:

-No dia 11, a menina Maria Júlia Pinto Martins Soares, filha do nosso dedicado assinante sr. Norberto Martins Soares.

#### Fazem anos:

-No dia 20, a sr.<sup>a</sup> D. Maria Eduarda Barreto de Almeida, esposa do sr. Capitão José Augusto de Almeida, digno Delegado da Comissão de Censura em Setúbal.

-No dia 22, completa o 3.<sup>o</sup> aniversário o menino Francisco José Resina dos Santos, neto do nosso prezado assinante sr. José António Resina.

## AGENDA UTILITÁRIA

### Farmácias de Serviço

#### ABRIL

- 6.<sup>a</sup> feira, 15 - MODERNA  
Telef. 030 1 56
- Sábado, 16 - HIGIENE  
Telef. 030 0 70
- Domingo, 17 - DIOGO  
Telef. 030 0 32
- 2.<sup>a</sup> feira, 18 - GIRALDES  
Telef. 030 0 08
- 3.<sup>a</sup> feira, 19 - MONTEPIO  
Telef. 030 0 35
- 4.<sup>a</sup> feira, 20 - MODERNA  
Telef. 030 1 56
- 5.<sup>a</sup> feira, 21 - HIGIENE  
Telef. 030 0 70

### Boletim Religioso

#### Vida Católica

#### Horário das missas

#### ABRIL

- 2.<sup>a</sup> feira, 18 - às 9 h.
- 3.<sup>a</sup> feira, 19 - às 9 h.
- 4.<sup>a</sup> feira, 20 - às 9 h.
- 5.<sup>a</sup> feira, 21 - às 9 h.

## Notícias da Siderurgia Nacional

Regressou a Lisboa o sr. eng. Nobre da Costa, director-técnico da Siderurgia Nacional, que esteve em Paris, em missão oficial, a fim de participar nos trabalhos da 67.<sup>a</sup> Reunião do Comité da Siderurgia da O. E. C. E., que se realizou naquela cidade e no qual desempenha as funções de delegado permanente de Portugal. O sr. eng. Nobre da Costa deslocou-se depois a Ruisburg, para tratar de assuntos de interesse relacionados com a Siderurgia Nacional, com o Consórcio Alemão.

Celebrou-se há dias um importante contrato com a Siderurgia Nacional e um grupo de sociedades francesas, para fornecimento e montagem de um sistema de transporte mecânico do matérias-primas para as instalações fabris da Siderurgia. Nesse fornecimento foi assegurado à indústria nacional a importantíssima participação de 24 mil contos.

### Agradecimento

#### AO ENFERMEIRO

EX.<sup>mo</sup> SR. ANTÓNIO RAMIRO

Laura Bernardes vem publicamente manifestar-lhe o seu profundo agradecimento pela maneira proficiente e generosa como tratou sua mãe, demonstrando elevado espírito de sacrifício e de bom profissional. Que Deus lhe pague como merece.

Montijo, Abril de 1960.

### Agradecimento

AO REV. PADRE AEMANDO

Laura Bernardes agradece a este Rev. Padre a generosidade da sua presença e das suas palavras amigas e bondosas junto de sua mãe na hora que para si seria a última de vida, ajudando assim a que Deus Nosso Senhor lhe restituísse a saúde, apesar dos seus oitenta e seis anos. Bem haja, pois.

Montijo, Abril de 1960.

# MONTIJO

## FESTAS de S. Pedro

A Comissão das Festas de S. Pedro está trabalhando activamente na elaboração do programa das festas, que este ano serão levadas a efeito de 25 a 30 de Junho.

Como já tivemos ocasião de noticiar, reaparecem dois números que não foram incluídos nas últimas festas, o que ocasionou descontentamento não só nos montijenses como nos muitos milhares de forasteiros que se deslocam sempre às nossas festas.

Trata-se da Batalha de Flores e Marcha Luminosa, para o que há várias inscrições de carros, entre os quais o da conhecida firma Robbialac Portuguesa, que aqui deve exhibir o carro que apresentou no último curso do Estoril.

Num dos próximos números daremos uma informação mais pormenorizada sobre estes atractivos do programa, indicando-se as inscrições que já foram efectuadas e que são garantia de que tanto a Batalha de Flores como a Marcha Luminosa vão ser motivos de muito agrado nas próximas festas.

Outro número que está a despertar vivo interesse, e que pela primeira vez é incluído no programa das festas, é a Gincana de Automóveis, uma iniciativa que foi recebida com muita simpatia no meio automobilístico, tanto local como dos arredores.

A comissão organizadora é formada pelos Srs. Luís Manuel Piteira, Diogo da Silva de Mendonça e Carlos T. Amaral.

Os interessados que se pretendam inscrever, deverão dirigir-se à respectiva comissão ou à Comissão de Festas, na sua secretaria.

Para os bailes populares a favor das festas, que, a exemplo dos anos anteriores, se vai realizar no Mercado Central, já foram afixados cartazes de pronoganda que indicam as noites de 9, 10, 11, 12, 13, 15, 16, 18, 19, 23 e 24 de Junho.

Já estão contratados alguns dos melhores conjuntos musicais do distrito e reservam-se inúmeras surpresas que manterão o interesse do público por estas noites de verdadeira alegria e boa disposição.

Ao contrário do que foi posto a circular, a Comissão leva a efeito algumas largadas de toiros, que constituem espectáculo de tanto agrado na nossa região.

### Vende-se

Casa com sete divisões, casa de banho, água e luz e quintal. Informa nesta Redacção.

## 1 DE ABRIL DE 1960 E A PRAÇA DE TOIROS

No passado dia 1 fez três anos que se iniciaram em Montijo as obras de construção da Praça de Touros. Alusiva à data e com o pedido de publicação, recebemos uma carta, que transcrevemos:

«Fez precisamente três anos que se iniciaram as obras da Praça de Touros do Montijo.

Empreendimento cheio de dificuldades, motivado por mil e uma razões burocráticas, mas que, apesar de tudo, o povo, sempre cheio de vontade e encorajando a Comissão que tomou tão grande responsabilidade, conseguiu que a Monumental Praça de Touros de Montijo se tornasse realidade.

E é ao povo, só ao povo e amigos do Montijo, que esse feito se deve.

Foi o povo que nos acompanhou em todas as realizações em favor dessa obra; foi o povo que concorreu com a sua quota parte da importância para tal fim; foi ele, e só ele, que atirou foguetes (pagando licença para os atirar), que se manifestou cheio de regozijo e de lágrimas no rosto, no dia em que se soube que o projecto estava aprovado em definitivo.

Foi também do povo que saiu a manifestação no dia da inauguração, em que as ornamentações marcaram

### Agradecimento

AO EX.<sup>mo</sup> SR. DR. JOÃO FILIPE BARATA

Laura Bernardes agradece sensibilizada a este Ex.<sup>mo</sup> Clínico a maneira proficiente e carinhosa, com uma assiduidade de presença digna de assinalar, como tratou a sua mãe na grave enfermidade que a colocou à beira da morte, e da qual se encontra restabelecida. Que Deus lhe pague tanta generosidade.

Montijo, Abril de 1960.

### Agradecimento

A família enlutada de Domingos Ferreira Neto, na impossibilidade de o fazer directamente, vem por este meio demonstrar a sua gratidão, e agradecer a todas as pessoas que se dignaram acompanhar à sua última morada seu saudoso marido e pai.

com marca de gente bairrista e amiga da sua terra.

É a estes, em princípio, que a Praça de Touros se deve, e depois, depois, caros leitores, à grande vontade da Comissão que tal responsabilidade tomou e que, apesar de tudo, não tem sido acarinhada, nem sequer observada.

A Comissão ainda hoje suporta uma responsabilidade grande, alguns com centenas de contos, e nada dizem, continuando no silêncio.

Um dia a história da Praça de Touros aparecerá e o povo, esse povo que tem ajudado a Comissão, fará a sua justiça e terá ocasião de verificar a quem se deve a Praça de Touros, que teve para a Comissão muitas e muitas dificuldades e que as continua a suportar, sem nunca ter fugido a elas.

Ao público, que tanto incitou a Comissão, à Comissão, que continua à frente das responsabilidades da Praça de Touros e a todos os bons amigos do Montijo, eu saúdo-os, mostrando-lhes assim o meu reconhecimento como montijense e bom aficionado, continuando, como até aqui e com os meus 72 anos (até poder e que assim o queiram) fazendo o que possa em favor deste empreendimento: a Praça de Touros.

Montijo, 5-4-90.

Um aficionado e amigo do Montijo»

## Lutuosa

Faleceu no passado dia 6, o nosso estimado assinante Sr. Eduardo de Matos, de 64 anos, viúvo, natural de Candosa e considerado comerciante nesta vila.

Era pai da Sr.<sup>a</sup> D. Aurora de Jesus e avô da Sr.<sup>a</sup> D. Aurélia de Jesus Valle e do nosso prezado assinante, Sr. Joaquim de Jesus Marques.

O funeral do extinto, que gozava de gerais simpatias, realizou-se no dia seguinte para o cemitério local.

A toda a família enlutada, e em especial ao nosso assinante, apresentamos sentidas condolências.

## SANFER, L.<sup>DA</sup>

#### SEDE

LISBOA, R. de S. Julião, 41-1.<sup>o</sup>

#### ARMAZÉNS

MONTIJO, Rua da Bela Vista

AEROMOTOR SANFER, o moínho que resistiu ao ciclone - FERROS para construções, ARAMES, ARCOS, etc.

CIMENTO PORTLAND, TRITURAÇÃO de alimentos para gados.

RICINO BELGA para adubo de batata, cebola, etc. CARRIS, VAGONETAS e todo o material para Caminho de Ferro.

ARMAZÉNS DE RECOVAGEM

## VIDA PROFISSIONAL

### Médicos

**Dr. Avelino Rocha Barbosa**

Das 15 às 20 horas  
Rua Bulhão Pato, 14-1.<sup>o</sup>  
Telef. 030 2 45 - MONTIJO

Consultas em Sarilhos Grandes às 9 horas, todos os dias, excepto às sextas feiras.

**Dr. Fausto Neiva**

Largo da Igreja, 11  
Das 10 às 13 e das 15 às 18 horas.  
Telef. 030 2 56 - MONTIJO

**Dr. A. Gonçalves de Azevedo**

Médico-Especialista  
**Boca e Dentes - Prótese**  
Consultas às 3.<sup>as</sup>, 4.<sup>as</sup>, 5.<sup>as</sup> e Sábados: das 14 às 17,30 e das 19,30 às 21,30 h. — 2.<sup>as</sup> feiras, das 14 às 21,30 h.  
R. Almirante Reis, 134 - MONTIJO

**Diniz da Fonseca**

MÉDICO  
Consultas todos os dias das 16,30 às 20 h. - (Por cima da Farmácia Montepio) - Consultório: Rua Cândido dos Reis, 91, Montijo - Telef. 030 0 35 e 034 1 94.

## Instituto Policlínico Montijense

**Rua Bulhão Pato, 18**

Consulta de Ouvidos, Nariz e Garganta

**Dr. Emilio Alves Valadares**

Todos os sábados, às 9 horas  
Análises Clínicas

**Dr.<sup>a</sup> Maria Manuela Quintanilha**

Todos os dias, às 10,30  
Consultas de Ginecologia

**Dr. Elísio Morgado**

Quintas-feiras, às 14 horas  
Consulta de Oftalmologia

**Dr.<sup>a</sup> Isabel Gomes Pires**

3.<sup>as</sup> e 6.<sup>as</sup> feiras, às 16 horas

### Parteiras

**Armada Lagos**

Parteira-Enfermeira  
PARTO SEM DOR  
Ex-Estagiária das Maternidades de Paris e de Strasbourg.  
De dia - Rua Almirante Reis, 72  
Telef. 030 0 38  
De noite - Rua Machado Santos, 28  
MONTIJO

**Augusta Marques Charneira**

Parteira - Enfermeira  
Diplomada pela Faculdade de Medicina de Coimbra  
R. José Joaquim Marques, 231  
Telef. 030 5 56 - MONTIJO

### Telefones de urgência

Hospital, 030 0 46  
Serviços Médicos Sociais, 030 1 98  
Bombeiros, 030 0 48  
Táxis, 030 0 25 e 030 4 79  
Ponte dos Vapores, 030 4 25  
Polícia, 030 1 44  
G. N. R., 030 0 01

### Trespasa-se

CASA DE VINHOS E COMIDAS, com habitação e adega. Trata-se na Rua Almirante Reis, n.º 76, Telef. 030134 - Montijo



# DESPORTOS

## Futebol

Campeonato Nacional da 2.<sup>a</sup> Divisão

Almada, 1 — Montijo, 1

Jogo no campo do Pragal (Almada).

Árbitro: Pinto Coelho (de Faro).

**Almada**—Godinho; Vítor, Jaime Silva e Leal; Ribeiro e Vieira; Queiroga, Barbosa, Ederindo, Costa e Saraiva.

**Montijo** — Júlio; Valentim, Pinto e Barrigana; Santana e Garroa; Varedas, Serralha, Manuel Luís, Aleixo e Barriga.

O Almada conseguiu o seu tento aos 31 minutos do primeiro tempo. Costa, á entrada da grande área, com um tiro cruzado e a meia altura, obteve um golo.

Os almadenses apareceram mais vezes sobre a baliza adversária, mas não concretizaram, devido aos seus avançados se perderem em toques e passes escusados, permitindo à defesa montijense recuperar a tempo. O Montijo empatou no segundo tempo aos 19 minutos, por intermédio de Manuel Luís, que aproveitou muito bem um falhanço da defesa adversária.

A três jornadas do final

do campeonato e numa posição difícil para manter a sua permanência na actual Divisão, os almadenses não conseguiram, frente à formação montijense, o resultado que melhor satisfizesse.

O Montijo, a partir do recomeço, procurando afinadamente a igualdade, pensou mais no ataque, fazendo com que o reduto defensivo adversário passasse por transes difíceis. Os montijenses contra atacavam sempre que as oportunidades lhe permitiam, não dando, portanto, azo que a defesa e a meia defesa caseira apoiassem o seu ataque devidamente.

A partir da igualdade, ambas as equipas procuraram o tento da vitória, mas sem resultados positivos, em parte devido à fraca actualização das suas linhas dianteiras.

Os melhores: no Almada, Godinho, Ribeiro, Barbosa e Costa; no Montijo, Pinto, Serralha e Manuel Luís.

A arbitragem: o sr. Pinto Coelho, de Faro, prejudicou a equipa forasteira.

## Basquetebol

O Montijo tornou a vencer o Campo de Ourique

Campo de Ourique, 27 — Montijo, 54

Depois de mais uma interrupção, desta vez motivada pelo mau tempo — o jogo Algés-Montijo não se efectuou —, prosseguiu o Campeonato Nacional da 2.<sup>a</sup> Divisão.

O jogo realizou-se no préterito domingo, no recinto dos Combatentes, sob a arbitragem de Alberto Costa, que fez uma arbitragem excelente.

As duas equipas apresentaram as seguintes formações:

**Campo de Ourique** — Macedo (7), Dias, Silva (4), Correia (8), Ferreira, Alberto (6) e Luís Alves (2).

**Montijo** — Tomás (13), José Maria (18), Teodomiro (8), Américo (2), Heitor (5), Bernardes (2), Ribeiradio (6), Mocho e A. Cepinha.

A partida decorreu com certa lentidão, o que não admira, pois o dia esteve muito quente. O Montijo jogou despreocupadamente, nunca sentindo dificuldades de maior, atingindo o intervalo com o resultado de 18-9, portanto com o dobro dos pontos concretizados pelos adversários. O prélio terminou com os montijenses dobrando a pontuação dos ouriquenses, que foi precisamente 54-27.

Assistiram ao encontro muitos desportistas montijenses, que se deslocaram à capital para assistir ao Benfica-Sporting em futebol, mas, num gesto louvável, quiseram apoiar com a sua presença os basquetebolistas conterrâneos.

José Rosa

## Ciclismo

Clube Desportivo de Montijo

Foi criada uma secção de ciclismo

na Delegação no Bairro da Bela Vista

Alguns sócios e dedicados amigos do Clube Desportivo de Montijo, fervorosos adeptos do Ciclismo, no louvável intuito de desenvolver na nossa região o interesse por tão espectacular desporto, decidiram instalar no Bairro da Bela Vista, desta vila, uma Delegação do Clube, na qual se poderão associar todos os indivíduos que pratiquem ciclismo e que queiram contribuir para que o Montijo possa, num futuro mais ou menos próximo, fazer-se representar nas grandes provas velocipédicas que se disputam no nosso País.

Pensam os dirigentes da Delegação do C. D. M. levar a efeito, num dos dias dos brilhantes festejos de S. Pedro, 2 sensacionais provas velocipédicas, nas quais participarão os mais afamados ciclistas nacionais, estando também em vista provas populares, tendo já, para tão grande empreendimento, obtido a indispensável aprovação da Comissão.

No entanto, para que tão arrojada empresa seja coroada do melhor êxito e Montijo se orgulhe de ter podido igualar-se a outras terras que já levaram a efeito provas do género, da mesma envergadura, torna-se necessário que todo o comércio, indústria e todos montijenses em geral, contribuam com o seu auxílio, a fim de que os prémios que se deverão anunciar e pôr em disputa, tenham o valor correspondente, não só ao do valor da prova como também ao do prestígio que todos nós ambicionamos que a nossa terra disfrute.

Daqui apelamos e esperamos confiadamente que todos lhe dêem o melhor acolhimento.

Oportunamente, representantes da Delegação do C. D. M., devidamente acreditados irão tomar conhecimento junto de todos da forma como concretizar a colaboração indispensável.

«VOSSA GRANDEZA MANDA»

Uma nova comédia de FIGUEIREDO BARROS apresentada pela Emissora Nacional

LISBOA — O «Teatro das Comédias» da Emissora Nacional apresentou um novo original de Figueiredo Barros intitulado «Vossa Grandeza Manda», a história de um simples empregado bancário forçado a passar pelo fabuloso duque de Spíóia.

Intervieram os artistas Aura Abran-ches, Gina Santos, Manuel Correia e Álvaro Benamor.

## TÊNIS DE MESA

Visitaram Setúbal, há dias, os dirigentes e componentes do Ateneu Popular do Montijo. De manhã percorreram os monumentos e museus da cidade, após o que se reuniram num almoço de confraternização. À tarde, na sede do Larrig A. Clube, na Baixa de Palmela, disputou-se um torneio de ténis de mesa, com a participação das equipas deste clube, do Ateneu e dos Celtas de Setúbal. No primeiro jogo defrontaram-se Larrig-Celtas. Vitória do Larrig por 5-2. Na final jogaram Ateneu-Larrig. Vitória dos montijenses por 5-1, que foram os vencedores absolutos do torneio, pelo que conquistaram a Taça «Amizade».

Findo o torneio, teve lugar um beberete, no decorrer do qual usaram da palavra os dirigentes dos clubes ali representados, srs.

### Estabelecimento

Arrenda-se, sem trespasse na Praça Gomes Freire, n.º 23 — Montijo, em frente ao novo mercado. — Trata, n.º 22 — Telefone, 030 378.

### Correspondente

Português — Francês — Inglês. Dispõe horas livres das 19 às 22 horas. Informa nesta redacção.

### Vende-se

Uma adega com tonéis para duzentas e quarenta pipas de vinho, uma caldeira e um depósito para aguardente, na Rua Dr. Manuel da Cruz, Montijo. Trata-se na mesma Rua n.º 53.

### Alugam-se

Dois quartos no centro da vila Informa nesta Redacção.

Joaq. Tapadinhas, Eduardo Pereira e Rui Oliveira. Actuou também o acordeonista setubalense, Jorge Manuel, em alguns números do seu reportório, que agradaram em absoluto. Os visitantes retiraram-se ao fim da tarde, encantados com a recepção que lhes foi dispensada.

### Caiu um «disco voador»

na província de Moçambique

LOURENÇOMARQUES — Segundo informou o «Diário», desta cidade, foram vistos a pairar durante alguns minutos sobre o céu de Lumbo, dois estranhos objectos voadores semelhantes a colunas cilíndricas de fumo com cinco ou seis metros de comprimento.

Por outro lado, informam da Beira que na região pantanosa de Savane caiu um «disco voador», tendo seguido jornalistas para o local.

Um grupo de pescadores indígenas daquela região assegura ter visto surgir no céu, a uma velocidade vertiginosa, um objecto com a forma de um pires enorme, de cor amarelo-alaranjada, deixando um rasto de luz branca e emitindo um silvo agudo. Em dada altura, baixou sobre o local onde se encontravam os pescadores, que fugiram espavoridos, mas, poucos segundos depois, ouviram um grande estrondo, idêntico ao provocado por uma explosão e, aproximando-se do local, deram com o misterioso aparelho completamente desfeito, sem saberem identificá-lo. Crêem, no entanto, que é feito de uma matéria semelhante ao alumínio. Um dos pescadores afirma ter visto quatro seres humanos, de pequenas dimensões, que se puseram em debandada quando repararam que estavam sendo observados.

### Cortiça

Vende se terreno, com a área de 4.000 metros quadrados aproximadamente, dentro da vila, para fábrica ou armazém. — Informa, telefone 03 0 260 — Montijo.

## No litígio entre Portugal e a União Indiana

acerca dos enclaves de Dadrá e de Nagar-Aveli e do direito de passagem entre Damão e esses enclaves, o Tribunal Internacional de Haia deu razão a Portugal.

No seu requerimento, datado de 22 de Dezembro de 1955, e que nesse mesmo dia foi entregue no Tribunal Internacional de Justiça, pedia a este o Governo português que reconhecesse e declarasse, contra a União Indiana, ser Portugal titular e beneficiário de um direito de passagem, quer entre o litoral de Damão e os enclaves de Dadrá e de Nagar-Aveli, quer entre estes dois últimos territórios; e ainda que reconhecesse e declarasse abranger esse direito o trânsito de pessoas e de bens, de maneira e na medida requeridas pelo exercício efectivo da soberania portuguesa.

O Tribunal, depois de se declarar competente para se pronunciar acerca do litígio, proclamou:

Que Portugal é soberano legítimo dos enclaves;

Que há em benefício de Portugal direito de passagem. — ANI).

## EXPOSIÇÃO da obra do escultor Diogo de Macedo no Palácio da Foz

No passado domingo, 8, abriu nas salas do Secretariado Nacional da Informação, por alvitre, lembrança e desejo do organismo — um desejo que é imperativo de bem servir a cultura —, e com a melhor colaboração da viúva do artista, a exposição da obra do escultor Diogo de Macedo, definitiva e voluntariamente truncada em 1948 — data do seu último trabalho executado e pela primeira vez agora exposto —, e iniciada em 1911, ao abandonar, por conclusão com as maiores distinções, seu curso de escultura na Escola do Porto — então chamada Academia Portuense de Belas-Artes —, onde Teixeira Lopes, Marque de Oliveira e José de Brito eram devotos mestres de uma juventude já então inquieta e irreverentemente respeitosa.

No próximo número referir-nos-emos à obra em exposição mais detalhadamente.

### Compra-se

PRÉDIO Informa nesta Redacção.



# Noticiário Internacional



# do Minho ao Guadiana



LONDRES - Antony Armstrong-Jones, noivo da Princesa Margarida, está sem padrinho para o casamento, que se realiza daqui a um mês, a 6 de Maio. Jeremy Fry, seu amigo, que devia desempenhar aquele papel não pode assistir à cerimónia por motivo de doença.

LONDRES - A terminar um dia emocionante, o Presidente De Gaulle e sua esposa visitaram ontem na sua residência de Londres; o Primeiro Ministro britânico do tempo da guerra, Sir Winston Churchill.

PORT ELIZABETH, ÁFRICA DO SUL - Duas igrejas no bairro indígena de Walmer, situado nos arredores de Port Elizabeth, foram destruídas por incêndios ateados pela campanha de vandalismo instigada por elementos africanos.

RALEG, CAROLINA DO NORTE - A milionária Gamble Benedict, de 19 anos, herdeira de uma fortuna considerável, casou em segredo, durante a noite, com o antigo motorista André Pormbea, de 35 anos. Não foi revelado o local da cerimónia.

SANTA BÁRBARA, CALIFÓRNIA - Uma estação meteorológica espacial, com dois meteorologistas e mantimentos e água suficientes para 60 dias, é uma das possibilidades num futuro relativamente próximo, segundo afirmou ontem o engenheiro Emanuel Schnitzer, cientista do Centro de Investigações de Langley, da Comissão Nacional de Aeronáutica Espacial.

PARIS - O Gabinete francês, reunido sob a presidência do Primeiro Ministro, Michel Debré, aprovou seis projectos de lei destinados a procurar solução para a actual crise da lavóia.

BEDFORD - Ao cabo da sua 10.035 revolução em redor da terra, o Sputnik III desintegrou-se ao passar pela «zona perigosa» situada abaixo dos 100 quilómetros de altitude, anunciou o Centro de Controle e Vigia dos Espaços dos Estados Unidos.

Nem da América...

Nem do Entroncamento...

## Ciumento e esfomeado um burro mordeu e escoiceou o dono

Vitor Marques tem 21 anos e um burro, seu inseparável e paciente companheiro na venda de hortaliças pelas ruas de Lisboa. Vitor Marques vive numa barraca, na Estrada das Laranjeiras, e a sua solidão de homem solteiro é frequentemente quebrada pela zurradeira alegre do jericó, o qual, para dar crédito às fábulas de Esopo, procura «dialogar», recebendo em troca carinhosas palavras do seu dono.

Feita a venda do dia, o nosso herói racional decidiu amarrar o irracional a um poste, na Rua Portugal Durão, e meter cavaco com uns amigos. Longa, imensa, interminável foi a conversa. O burro, impaciente, excitado, frenético, viu aproximar-se a noite e viu, também, o companheiro a falar, falar, falar. O ciúme e a fome começaram a torturá-lo. Zurrrou, abriu a bocarra e mostrou a dentuça amarelada, bateu com os cascos. Vitor Marques não dava por nada. Quando deu, o jericó não esteve pelos ajustes e resolveu protestar à maneira comum aos da sua raça: aplicou um coice no dono, espezinhou-o, mordeu-o, maltratou-o. Um agente da P. S. P. da esquadra do Rego, o sr. Diamantino Aires Ferreira, decidiu interferir naquela contenda de características familiares: apertou as narinas do bicho e obrigou-o a largar a presa.

Vitor Marques, banhado em sangue, foi rapidamente transportado para o Hospital Curry Cabral, onde recebeu tratamento a graves mordeduras na cabeça, nos rins, nas pernas, no braço esquerdo e na mão. O burro, bem, o burro foi preso. Seguro pela arreata deu entrada na esquadra da zona, na qual se procedeu à feitura da sua ficha antropométrica e à participação em que figurará como agressor...

De «O Século»

## Setúbal

A direcção do Clube dos Amadores de Pesca, desta cidade, está diligenciando para se efectuar em Setúbal, este ano, um Concurso Nacional de Pesca Desportiva, durante as comemorações do I Centenário da Cidade.

O mesmo clube promove no corrente ano as seguintes provas destinadas aos seus associados: 3.º Concurso de Praia (Tróia), em 8 de Maio; 4.º Concurso de Rio, em 11 de Setembro, e 4.º Concurso de Água Doce, em 9 de Outubro. Este ano serão atribuídas as taças «Campeão» e «Vice-Campeão» para os dois melhores pescadores que participem em todos os concursos organizados por este Clube.

Rui Oliveira

## Montargil

**Desporto** — No passado dia 3, deslocou-se a Sanatrem o G. D. da Casa do Povo de Montargil, onde, a contar para o Nacional de futebol da F. N. A. T., defrontou o grupo representativo da Casa do Povo de Rio de Moinhos. Após o prolongamento, pois no final do tempo regulamentar o resultado era de 1-1, saiu vencedor, por 3-1, o grupo de Montargil, que, assim, continua na prova.

LINO H. C. MENDES

## Peso da Régua

**Casamento** — Na igreja de Santa Maria de Frende (Douro), celebrou-se no passado dia 30 de Março o casamento do nosso estimado amigo, Sr. António Pinto Almeida, comerciante no Brasil, com a menina Maria Regina, ambos daquela localidade.

Serviram de padrinhos, por parte do noivo, o Sr. Antero de Almeida e a Sr.ª D. Palmira Aurora da Silva, e, por parte da noiva, o Sr. Lourenço Pereira da Silva, importante comerciante e abastado proprietário em Frende, e a Sr.ª D. Maria do Céu Coelho.

Foi celebrante o Rev. Padre Manuel Nogueira, que proferiu uma alocução apropriada.

O almoço foi servido no Restaurante «Borrajo», na Régua, ao qual assistiram muitos convidados.

Aos brindes, enaltecendo as qualidades dos noivos, falaram os Srs. Padre Manuel Nogueira, Joaquim Jacinto Portela, Herculano Bento Ribeiro, nosso prezado colaborador, e, por último, o Sr. Manuel Coelho Pereira da Silva.

Aos noivos desejamos-lhes muitas felicidades.

## Seixal

Do Sr. Presidente da Câmara Municipal do Seixal recebemos um cativante officio, no qual se nos agradece a divulgação prestada aos assuntos daquele concelho e bem assim as informações que vieram a lume quando da inauguração do novo Mata-douro Municipal.

Gratos pela gentileza, que julgamos não merecer, pois nos limitámos a cumprir a nossa obrigação.

## Vai ser construído no Seixal um bairro de 190 habitações de renda limitada

Com o Presidente da edilidade seixalense, sr. Manuel Bonaparte Figueira, reuniu-se há dias o sr. eng.º José Mendes Barata, dos Serviços Construções de Casas Económicas, do Ministério das Corporações, a fim de se estudar a possibilidade da construção, no concelho do Seixal, de um bairro de 190 habitações de renda limitada, de propriedade resolúvel.

Em princípio, ficou decidido o seguinte esquema de distribuição: na freguesia do Seixal, 34 habitações de um piso e 26 de dois pisos; na freguesia de Amora, 48 habitações de um piso e 22 de dois pisos; e na freguesia de Arrentela, 40 habitações de um piso e 20 de dois pisos. Cada habitação ocupará uma área de 150/200 metros quadrados por moradia.

Trata-se de uma importante iniciativa, apenas prejudicada pela dificuldade de aquisição dos terrenos necessários, dispondo-se a Câmara do Seixal a promover rápidas diligências para se solucionar tal óbice. A verba prevista pelo Ministério das Corporações é de 15\$00 o metro quadrado, mas, devido ao encarecimento dos terrenos para construção civil, só com a manifesta boa-vontade de todos os intervenientes será possível evitar negociações demoradas com os respectivos proprietários.

Este bairro de rendas limitadas, juntamente com o outro de cem casas (400 fogos) para pobres, a erguer a expensas do Município, para o que já possui os indispensáveis terrenos, beneficiará o desenvolvimento urbano do Seixal, em ritmo crescente, combatendo, por outro lado, e de forma eficaz, a alta que se desenha no custo das rendas das moradias, devido ao progresso económico e social de todo o concelho, a que não será estranho a presença do centro-Sul da Siderurgia Nacional, em Paio-Pires. A Municipalidade, atenta aos naturais e justos anseios da população, não deixará de promover a construção de mais bairros económicos, fomentando ainda a auto-construção, processo eficiente que interessa a numerosas famílias sem casa própria, designadamente de operários artífices.

## Trafaria

Da Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários da Trafaria recebemos o seguinte officio, que muito agradecemos:

«4 de Abril de 1960.

Sr. Director do jornal «A Província», Montijo: — Com os nossos cumprimentos, informamos V. Ex.ª que, em assembleia geral desta colectividade, realizada no dia 2 do corrente, foi aprovado um voto de agradecimento pelas vossas atenções dispensadas a esta Associação.

Mais informamos que, tendo havido eleição de novos corpos gerentes para o corrente ano, os mesmos ficaram constituídos pela seguinte forma:

Assembleia Geral: presidente, Capitão Anacleto Cordeiro Gonçalves; vice-presidente, Joaquim de Almeida Botas; 1.º secretário, Jorge Marçal de Medeiros Pinto; 2.º secretário, Higinio Fernandes Correia.

Direcção: presidente, António da Silva Viana; vice-presidente, Luis Moreira; 1.º secretário, Carlos da Costa Machado; 2.º secretário Eugénio Rodrigues Cecílio; tesoureiro, Francisco Ribeiro Pinto; 1.º vogal, Luis Eduardo Barra; 2.º vogal, Eduardo Augusto Costa.

Conselho Fiscal: presidente, Fernando Manuel Ferreira Cardoso; secretário, José Faustino da Costa; relator, Bernardo Augusto de Oliveira.»

## «EIS O HOMEM!...»

(Conclusão da primeira página)

broz daquele que devia ser o nosso Salvador!...

Meditai agora como Lhe temos agradecido tão grande martírio e como temos tentado aliviá-lo do peso com que continua caminhando!...

A estrada que O conduz é interminável, como infundas serão as nossas culpas.

Se Jesus, como Homem, sofreu e morreu, como Filho de Deus conferiu aos seus padecimentos um mérito infinito, porque a sua natureza era humana e divina.

Jesus sofreu e morreu por nós; mas com a alma desceu ao Limbo, onde o esperavam ansiosamente.

Ponderemos hoje, tam-

## Pavia

**Celeiro novo da Federação Nacional dos Produtores de Trigo** — Está quase concluído este grande melhoramento, que vem engrandecer a agricultura nesta região, onde se sentia a falta de armazéns para comportar os trigos desta região. Até ao próximo dia 10 deve ficar concluído; comportará um milhão e duzentos mil quilos de cereal. Há dias, quando se procedia ao acabamento do tecto, desabou uma prancha do andaime, arrastando quatro homens, que tiveram de ser transportados ao hospital de Évora. Horas depois, foram conduzidos para Lisboa por o seu estado ser grave.

**Casamento** — Realiza-se no próximo dia 17, na igreja matriz, o casamento da menina Ivone Prates Caeiro, com o Sr. Alcindo Galveia de Matos, natural de Brotas e comerciante nesta vila. Espera-se grande número de convidados, dadas as simpatias das famílias de ambas as partes.

**Falecimentos** — Faleceu em Évora o Sr. Ernesto Raposo, que era natural de Pavia.

Também faleceu em Lisboa, no Hospital do Desterro, onde foi operada, a menina Benedita Germano. Os seus restos mortais foram trasladados para Pavia, de onde era natural. Centenas de pessoas acompanharam-na à sua última morada.

As famílias enlutadas as nossas condolências.

JOSE CAEIRO

bém, como Ele é ágil, livre de todo o peso que o agrava, se transporta rapidamente aos lugares mais afastados, a claridade que O faz brilhar como o sol, na impassibilidade pela qual não morrerá nunca! A nossa vida, ante esta lição, devia ser um acto contínuo de fidelidade e amor a Jesus.

Sê-lo-á realmente?!... Curvemo-nos ante a imagem sagrada e respondamos à nossa consciência.

Sigamos a Via Sacra e elevemos uma prece muito íntima, que só Deus a compreenda e que deixe em nosso coração o bálsamo e a profunda raiz desse amor que vivifica e alenta nas horas de amargura e tristeza, e não digamos como Pilatos:

— Sou isento de culpa.

Seisdedos Branco

## Os acidentes de trabalho

Na passada 3.ª feira o ministro das Corporações, dr. Veiga de Macedo, teve no seu gabinete uma reunião com os representantes da Imprensa para anunciar a prorrogação por mais um ano da Campanha Nacional de Prevenção de Acidentes de Trabalho e Doenças Profissionais. A reunião assistiram ainda os presidentes de todas as corporações, presidente e vogais da Junta da Acção Social; assistentes do Centro de Estudos de Formação Social e Corporativa e muitos dirigentes gremiais e sindicais.

Aquele membro do Governo ofereceu depois um almoço, no refeitório da F. N. A. T., aos membros da Comissão de Imprensa, Rádio e Televisão, que prestam a sua colaboração à campanha.



# SIMCA

O carro dos 14 RECORDES MUNDIAIS!

MÁXIMA SEGURANÇA NA ESTRADA

Peça uma demonstração aos concessionários no distrito de Setúbal

## MARPAL, LDA.

Rua José Joaquim Marques, 150 - Telef. 030545 - MONTIJO



# CINEMA O TEATRO CHINÊS

O grande acontecimento cinematográfico não foi a estreia de qualquer filme logo classificado como obra-prima, nem a apresentação do novo processo de obter o relevo no cinema, nem, mesmo, o aparecimento do livro português que enriquecesse, a sério, a bibliografia filmológica.

Não. Nem os «Orcars» de Hollywood foram proclamados, nem nos visitou qualquer director, produtor, ou actor que pudesse dizer algo, esclarecer, sobre pontos mais ou menos transcendentais da arte das imagens.

Não o grande acontecimento foi a vinda a Lisboa de Brigitte Bardot, da B.B., figurino ideal de centenas de *bb* que pavoneiam orgulhosamente a sua macaqueação.

Essas *bb* que se tornaram audazes por suposta cópia, que se tornam impertinentes para parecer bem e moderno, que, quantas vezes, se desfeiam só para mais se assemelharem ao seu ídolo, deviam pôr o solhos na B.B. autêntica, real, palpável, em vez de a copiarem nos seus modos esteotipados que não correspondem à realidade dos seus sentimentos, mas sim aos interesses materiais dos seus produtores ou às exigências do seu chefe de publicidade.

Brigitte Bardot é uma rapariga como tantas outras, menos bonita, mesmo, que muitas portuguesas, menos bonita, também, do que nos aparece nas telas de cinema.

No entanto, é uma rapariga fresca e sadia obediente a seu marido e aos seus mandatários, compreensiva para todos (até para com os jornalistas), não exagerando a moda senão naquilo a que a publicidade a obriga. Temos mesmo a certeza de que B.B. há-de recusar muito contrato só para não ficar longe do seu filhinho.

Porque não copiam, então, as *bb*, o lado positivo e humano de B.B. em vez de tentarem imitar o lado puramente negativo a que a obrigam as suas ligações com a cinematografia do mais baixo comercialismo?

Viu-se em Lisboa, agora, como em B.B. a mulher e a boneca são dois seres inteiramente diferenciados e nem venham dizer que o decalque que as *bb* pretendem fazer da B.B. vise a elevar a ânsia de beleza que é tão tipicamente feminina.

Essa juventude dos 15 e 16 anos que sob chuva copiosa esperou na Portela pela chegada do ídolo que *nunca* viram na tela, para, afinal, desinteressada, todos os dias por outra mulher que é, talvez, mais interessante que a B.B. com quem, aliás, muito se parece—a jovem actriz do

T. N. P. Florbela Queirós.

Pois essa mesma juventude só viu Florbela quando esta, há dias, poucas horas depois do regresso de Brigitte a Paris, subiu o Chiado, com vestido mais travado e cabelo mais despreocupado. Então todos a tomaram pela autêntica Bardot e não fosse um piquete da Polícia, chamado a toda a pressa, Florbela Queirós, teria sofrido a violência do entusiasmo de uma multidão sôfrega de contemplar a beleza fascinante, inigualável, ímpar, da maior actriz do mundo... Juventude inconsciente...

Aquele que pela primeira vez entre num Teatro chinês disposto a assistir a um espectáculo, sente-se imediatamente chocado ante a apresentação da cena que em palco aberto, sem a mais ligeira cortina, consta do seguinte: como fundo um simples e longo bambú, paralelo à ribalta, a cerca de um metro e meio de altura, com dois vãos marcados por panos brancos debruados a encarnado, indicativos de duas portas, isto é F. D. e F. E.. À direita do palco, alguns brancos destinados à orquestra e,

por detrás destes e do lado esquerdo do palco, as grandes arcas de madeira onde são transportados os ricos trajes, armas brancas e tudo mais que seja preciso. À boca de cena (mesmo ao meio, no lugar ocupado geralmente pela caixa do ponto nos nossos Teatros), vê-se, como absolutamente indispensável, uma cadeira de bambú, de altas costas, que parece ter ali sido deixada por esquecimento. Assim não acontece. Essa cadeira representa com pequena adição, o elemento necessário à mudança de ce-

nário. Sem esta cadeira ou qualquer outro móvel que faça as suas vezes, jámais será possível operar a mudança de cenário.

Parecerá incrível a quem nunca tenha estado na China ou a quem nunca tenha lido o que quer que seja sobre Teatro chinês que as mudanças de cenário se façam do seguinte modo: Sobre as costas da imprescindível cadeira está estendido um pano branco com letras a preto ou a encarnado, letras que dizem, por exemplo, «Palácio do Reino X, ou Y.. Sala de audiências reais». Deste modo, todos os espectadores ficam sabendo onde se passa a cena. Mas supunhamos que o Rei parte para a guerra. Então, um chinês de calça preta e camisola branca, chega-se à cadeira, retira o pano que lá estava e no lugar dele coloca outro que diz «Vale entre as montanhas *tais e tais*». Passa-se então aí um terrível combate e o Rei vitorioso regressa ao seu Palácio, porém, descansa a meio do caminho num lindo jardim. O pano é retirado das costas da cadeira e outro é lá colocado com a necessária indicação. Deste modo, não há cenas nem cenários impossíveis, ou mesmo difíceis. Este pano, porém, tem mais utilidades: Suponhamos que um certo General em determinadas circunstâncias entra em cena não sendo possível o seu reconhecimento pelo indicativo musical. Tudo se resolve facilmente: Vem o chinês e substitue o pano que está na cadeira por outro que explica o necessário.

Já que falámos em indicativos musicais, diremos de que se trata: As orquestras têm sempre pequenas introduções que são indicativas das personagens que vão entrar em cena. Poucos são os chineses que conhecem todos estes indicativos. Muitas vezes dá-se o caso de, além do indicativo musical, se fazer uma referencia especial à personagem a aparecer. Essa referencia é sempre feita por uma personagem que, para fazê-la não interrompe a sua ária, o seu dueto, etc..

Além do que fica dito, ainda o pano com caracteres a preto ou a vermelho dá ao público preciosas informações sobre pormenores indispensáveis para compreensão do que se representa.

O chinês, que nunca conheceu o seu Teatro apresentado de outro modo, aceita esta convenção sem a mais pequena reacção. É que, para ele, é na representação, isto é, no trabalho dos actores que está o valor do Teatro, independentemente de tudo o mais que possa concorrer para uma mais perfeita obra de arte.

De região para região, porém, há pequenas diferenças nas convenções referidas, que não vale a pena apresentar ao conhecimento do leitor. Temos tratado, e continuaremos a fazê-lo, de Teatro chinês, como ele se apresenta na China do Sul.



Exactamente porque a actividade radiofónica implica actividade musical, parece-nos oportuno insistir na necessidade, cada vez mais premente, de se incentivar este sector de cultura em toda a terra portuguesa.

Aproveitemos o evidente interesse que largamente já se verifica por tudo que diz respeito à arte musical, traduzido pela afluência de público jovem a concertos, espectáculos de ópera, recitais, etc.

A audição de música gravada e de irradiação radiofónica acrescenta, igualmente, o progressivo entusiasmo, entre nós, de tão nobre expressão artística.

Num artigo que, há pouco, lemos no «Jornal de Cultura», a propósito da possível realidade sistemática de ópera em português, produzem-se algumas interessantes e pertinentes considerações e sugestões sobre a expansão musical no nosso País.

A este respeito o que importa fazer?

Ali se responde deste modo:

«Publicar a preços acessíveis guias de ópera, música sinfónica, música de piano e

tudo o mais, à semelhança do que se faz em língua alemã. Garantir concertos ou ingresso nas companhias de ópera a todos os diplomados pelo Conservatório Nacional. Obrigar as orquestras sinfónicas a darem maior número de concertos—pagos e não só em Lisboa—e não confiar a sua regência quase exclusivamente a um maestro».

É preciso que o público se familiarize com os nossos compositores válidos de ontem e, hoje, que—diz-se ainda—«não há no mundo só Rossinis, e Chopin, só Brailowskys e Milsteins, só Neris e Caniglias, só Kranhals e Ormandys, mas grandes artistas, bem portugueses».

Eis um programa de acção de alcance verdadeiramente nacional este que, em resumo, se esboça.

Há que aproveitar e coordenar todos os elementos e valores disponíveis, em sincronismo com o entusiasmo, a viva e irrefutável curiosidade que—de um modo geral—a presença musical desperta em todas as classes sociais,

Já passou, felizmente, o

tempo em que a música era para *raros apenas*. Hoje, graças aos admiráveis recursos técnicos acessíveis ao grande público, é possível a existência de um ambiente claro e vasto de arte musical que só não aproveita aos indiferentes ou abúlicos.

Toda esta renovação cultural se deve em grande parte—ao que julgamos—à referida actividade radiofónica que se deseja, evidentemente, cada vez mais intensa e aperfeiçoada.

LISBOA—O drama «O Processo de Jesus»,—o grande êxito teatral da última temporada—vai ser reposto em cena, agora ao ar livre, durante a Semana Santa.

A iniciativa partiu da Câmara Municipal de Lisboa, sendo a peça representada pela Companhia de Amélia Rey Colaço.

LISBOA—O Teatro Lírico oferece ao cartaz de Lisboa o principal espectáculo da semana. Trata-se da estreia em Portugal da ópera «Il Campiello», do compositor ítalo-alemão Volf-Ferrari. Será o quinto programa do Repertório da companhia italiana.

Outros espectáculos: a farsa-dramática «A Visita da velha Senhora», no nacional, em segundo mês; «Margarida da Rua», no Monumental, em cena desde o Carnaval; e a revista «Taco a Taco» no Maria Vitória.

LISBOA—No S. Luís vai ser prestada homenagem ao actor João Villaret.

O artista foi agraciado com a Ordem de Santiago, pelo seu contributo para a Arte de Representar.

João Villaret, que há meses anda doente, só tem podido, ultimamente, apresentar-se em programas de declamação na TV.